

DO ORIENTE MÉDIO AO SUL DO BRASIL:
A IMIGRAÇÃO DE SÍRIOS E LIBANESES NO
RIO GRANDE DO SUL (1890-1949)

*FROM THE MIDDLE EAST TO SOUTHERN BRAZIL:
SYRIAN AND LEBANESE IMMIGRATION TO
RIO GRANDE DO SUL (1890-1949)*

Júlio César Bittencourt Francisco¹

RESUMO

O artigo trata da história e da memória da imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, procurando situar este imigrante nas dinâmicas políticas, econômicas e sociais do estado, correspondentes ao fim do século XIX e início do século XX. O período que estudamos, ambienta o leitor nos locais em que se inseriram os imigrantes médio-orientais, ou seja, em áreas distintas do Rio Grande do Sul, por exemplo: colônias, novas colônias, regiões sul, central e norte, litoral, capital e fronteiras. Recorremos a diversas fontes entre pesquisa em arquivos históricos e entrevistas com descendentes de sírios e libaneses. Ainda veremos um inventário bibliográfico destacando a presença árabe no Rio Grande do Sul, produzidas pela literatura gaúcha.

Palavras-chave: Imigração. Sírios e libaneses. Rio Grande do Sul. Literatura Gaúcha. Geografia humana. História do Rio Grande do Sul. Memória Social.

ABSTRACT

The paper deals with the memory and history of the Syrian-Lebanese immigration to Rio Grande do Sul State/Brazil, seeking to situate the middle-eastern immigrants into the political, economic and social dynamics of the state, during the late nineteenth and early twentieth centuries. The period studied illustrates to the reader the places where these immigrants were placed, that is, in distinct areas of Rio Grande do Sul, for example: settlements and new settlements areas, southern border, central and northern regions, coastal, capital and western border of the state. We have done extensive research in historical archives but also interviewing community members. The text also provides an inventory over the literature produced locally about the Syrian and Lebanese immigration and the Arab presence in the southernmost State of Brazil.

Keywords: Immigration. Syrian and Lebanese. Rio Grande do Sul. Regional Literature. Human Geography. Brazilian History. Social Memory.

¹ Professor da FABICO/UFRGS. Mestre em Memória Social e Documento pela UNIRIO/RJ, Especialista em História do Direito no Brasil pela UNESA/RJ e Doutorando em História da América Latina PUCRS.

INTRODUÇÃO

Foi na última década do século XIX que os sírios e libaneses chegaram ao Rio Grande do Sul em números mais consistentes, no entanto, de acordo com Manoelito d'Ornellas, (1956) autor de *Gaúchos e beduínos*, a origem, senão parte da herança cultural do gaúcho é árabe. Segundo o autor, tal influência semita foi trazida ao sul do continente americano pelos 'maragatos'², colonizadores no vizinho Uruguai via ocupação castelhana. O autor sugere que depois da derrocada final do último califado árabe na Península Ibérica, um considerável número de islamitas³ se estabeleceram numa província espanhola conhecida como o lar dos maragatos, sendo que, de lá, embarcaram para o sul da América do Sul. Assim, os maragatos teriam, conforme explica o autor, ascendência moura, e trazido sua cultura, através da Espanha às terras Argentinas, Uruguaias e sul-rio-grandenses. Para d'Ornellas (1956) os árabes são partes do fundo sociográfico do gaúcho platino e rio-grandense. Esse árabe viveu durante séculos no intercuro das rotas comerciais em contato com o povo que habitava a Península Ibérica, o próprio elemento 'cavalo' chegará a ser do convívio do lusitano e do espanhol devido o contato com o povo berbere, que possuíam uma cavalaria invejável e uma destreza fenomenal. Manoelito analisa também a adaptação do português e do espanhol que nos pampas terão um novo perfil, onde o meio e o clima eram diferentes da Península Ibérica, promovendo uma adaptabilidade aos costumes e hábitos trazidos do velho continente.

Um outro clássico da literatura sulina que evoca certa identidade árabe aos gaúchos está na obra de João Simões Lopes Neto, especialmente em *Lendas do Sul*, publicação organizada pela editora da livraria do Globo, em 1949, com o decisivo apoio de Érico Veríssimo. Em um de seus contos, o autor faz menção a uma princesa moura que se abriga em uma furna do Cerro de Jarau⁴. De acordo com a história descrita por Simões Lopes Neto,

2 O termo Maragato, segundo o dicionário, (talvez do latino 'moro feito' ou 'morohablante') refere-se aos moradores da província de León, Espanha, que deu seu nome à região de Maragateria. Um grupo de maragatos imigrou para a Banda Oriental, fundando a cidade de San José de Mayo (Departamento de San José), no atual território do Uruguai. Por esta razão os habitantes de San José de Mayo e arredores, recebem o gentílico de "maragatos". De San José de Mayo, muitos maragatos europeus, se transformaram em gaúchos, colonizando outras áreas do território da Banda Oriental, incluindo territórios do atual Rio Grande do Sul, isso explica por que a Revolução Federalista de 1893 foi chamada, no Brasil, de "Revolução dos Maragatos".

3 Gilberto Freire, em *Casa Grande e Senzala*, se refere aos maometanos espanhóis como "moçárabes" cristãos convertidos ao Islã, depois de séculos de domínio mouro na Península Ibérica.

4 O cerro do Jarau é formado por uma cadeia de morros com aproximadamente de 200 metros de altura. A elevação destaca-se no pampa gaúcho devido à sua altitude fora dos

a princesa, conhecida como Teiniaguá, veio fugida de Espanha transfigurada em uma velha; para que não fosse reconhecida e aprisionada, quando caiu o último reduto árabe da Península Ibérica. Teria vindo em uma urna desde Salamanca, na Espanha, e acabou indo morar em uma caverna no Cerro do Jarau. Ela se transformava em um lagarto encantado com uma pedra preciosa de brilho ofuscante incrustada na cabeça, até que um dia um sacristão jesuíta se apaixonou pela moura, que vive com o religioso um forte e intenso amor.

Mitos a parte, é notória, porém, as semelhanças entre o Prata e o Rio Grande do Sul, especialmente no que tange a geografia, a cultura e a formação étnica de seus habitantes.

1 Sírios e Libaneses e as estatísticas nacionais da 1ª metade do século XX

As estatísticas da Imigração Brasileira de 1880 a 1969 mostram que, enquanto portugueses representavam 31% das migrações, italianos 30%, espanhóis 14%, japoneses 5%, alemães 4%, os imigrantes do Oriente Médio totalizavam somente 3% e iniciaram sua entrada no centro sul do país a partir de 1890⁵ (LESSER, 1999, p.9).

Os dados numéricos sobre a entrada no Brasil dessa corrente imigratória são muito imprecisos, sobretudo porque até 1892 todos eles (sírios, libaneses, palestinos e mesmo turcos) foram classificados como turcos. Foi apenas a partir deste ano que os sírios passaram a ser registrados separadamente. Como até 1920 – depois, portanto, do término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e início do mandato francês na Síria e no Líbano – o Líbano foi considerado parte da Síria, por isso todos os libaneses foram incluídos entre os classificados como sírios. Todavia, “tanto antes como depois de 1892 a imensa maioria dos imigrantes registrados como turcos eram, de fato, sírios e libaneses” (PIMENTEL, 1986, p. 121). Ernesto Capello (2002) afirma basicamente o mesmo, mas fornece outras datas. Segundo ele, as duas nacionalidades – síria e libanesa – “foram incluídas numa única categoria pelas autoridades de imigração brasileiras até 1926, ano em que o Líbano se separou da Síria”. Na verdade, complementa o autor, até

padrões locais. Localiza-se no município de Quaraí, no oeste do Rio Grande do Sul, onde o Brasil faz fronteira com o Uruguai (FAGUNDES, 1996).

5 Na década anterior sírios, libaneses e palestinos, à exemplo do que fizeram muitos judeus marroquinos e outros do Norte da África, acompanhando o clico da borracha e de outras riquezas do extrativismo amazônico, exploraram aquela região como ‘regatões’, ou espécie de ambulantes que vendiam mercadorias aos ribeirinhos de suas pequenas embarcações repletas de mercadorias. (Ver LESSER, 1999)

1908 todos os imigrantes do Império Otomano eram classificados no Brasil como ‘turco-árabes’. Por conseguinte, diz ele, “é totalmente impossível ter à disposição dados estatísticos confiáveis acerca do número de imigrantes especificamente sírios ou libaneses” (CAPELLO, 2002, p. 34).

Contudo, é certo que nos períodos de 1895 a 1914, nos anos 1920 e no pós 1945 registraram-se as entradas mais expressivas desses imigrantes no país. Durante as duas grandes guerras, o fluxo se reduziu de modo significativo ou praticamente cessou. No conjunto, os dados disponíveis contabilizam o ingresso de 57.020 pessoas entre 1895 e 1914, de somente 2.693 entre 1914 a 1919 (no contexto da Primeira Guerra Mundial) e de 42.210 de 1920 a 1930, totalizando 101.923 imigrantes (ALMEIDA, 2000, p. 14). Nesse último período os ingressos anuais dos sírios e libaneses variaram entre mil e cinco mil imigrantes, atingindo um pico de 7.308, em 1926 (NUNES, 1986, p. 60).

O ano de 1930 marca o início das restrições imigratórias. Pelo Decreto 19.482, de 12 de dezembro de 1930, o novo governo brasileiro (Getúlio Vargas havia assumido o poder pouco antes, através da vitória da Revolução de 1930), limitava a imigração aos estrangeiros já domiciliados no Brasil, aqueles cuja entrada fosse solicitada pelo Ministério do Trabalho e, sob certas condições, aos trabalhadores especializados (PIMENTEL, 1986, p. 47). A subsequente adoção do sistema de cotas, somada à depressão econômica, provocou uma redução substancial do fluxo imigratório em geral. No caso específico dos sírios e libaneses, entre 1930 e 1940 a média de entradas no Brasil ficou entre cem e quinhentos por ano. Com a Segunda Guerra Mundial, esses números foram drasticamente reduzidos⁶ (NUNES, 1986, p. 89).

No demonstrativo abaixo procuramos situar o leitor, de acordo com os sentidos oficiais brasileiros sobre a distribuição da população de imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul e nos principais estados do Brasil.

6 Cabe informar que o termo ‘imigrante’ foi redefinido pelo Decreto nº 24.215, de 9 de maio de 1934. Desse modo, imigrante passou a ser aquele que vinha ao Brasil para exercer um ofício ou profissão por mais de 30 dias; o não imigrante, por sua vez, era quem permanecia no país por até 30 dias. Essa definição foi considerada insatisfatória, e por conta disso, quatro anos depois a legislação foi novamente alterada, pelos decretos nº 406, de 4 de maio de 1938, e nº 2.010, de 20 de agosto de 1938, incluindo agora as categorias ‘permanente’ e ‘temporário’. Os classificados como temporários eram os turistas, viajantes em trânsito; os permanentes os que constituíam lar definitivo no país (KNOWLTON, 1960, p. 35, SIQUEIRA, 2000, p. 26-27).

Estado	1920	1940
São Paulo	19.285	23.948
D.F. e Rio de Janeiro	9.321	6.510
Minas Gerais	8.684	5.902
Rio Grande do Sul	2.565	1.903
Paraná	1.625	1.576
Pará	1460	848
Mato Grosso	1232	1.066
Bahia	1206	947

Quadro 1 – quadro montado pelo autor. Fonte: IBGE Recenseamento do Brasil, 1947, p. 123.

Ainda de acordo com o Censo de 1940, o número de sírios e libaneses do sexo masculino chegava a 27.689, enquanto as mulheres somavam 18.097. Os homens também superavam em muito às mulheres em relação à naturalização: 4.163 contra 1.284. Todavia, no que concerne aos descendentes de segunda geração, registrava-se um grande equilíbrio: 53.769 homens contra 53.307 mulheres (CORTES, 1958, p. 72).

2 Sírios e Libaneses no Rio Grande do Sul

Sandra Pesavento (1989, p.138) identifica dois complexos econômicos distintos de acumulação no Rio Grande do Sul do último quartel do século XIX. O primeiro, e mais antigo, corresponde ao da pecuária tradicional, compreendendo as regiões da campanha, missões e litoral marítimo lagunar, e incluía as cidades de Pelotas, Rio Grande e Bagé. Ali praticamente não havia colônias de imigrantes. O outro era o colonial imigrante, abrangendo as áreas de imigração alemã e italiana (vale do rio dos Sinos, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, encostas da Serra), incluindo Porto Alegre.

Seyferth (2000, p.19) destaca que nelas, desenvolveu-se uma espécie de ‘sociedade camponesa’ (...) baseada na pequena propriedade (...) [e] os núcleos coloniais mais antigos se transformaram em cidades pequenas e médias, onde a atividade econômica mais importante é a indústria. A autora acredita que a importância do meio urbano foi fundamental para a diversificação econômica, já que entre os imigrantes europeus que se dirigiram para o Sul do Brasil havia muitos artesãos, refugiados políticos, professores, profissionais liberais (1990, p.59). Algumas cidades do Rio Grande

do Sul contavam com números expressivos de imigrantes que preferiam se estabelecer em núcleos urbanos, como: espanhóis⁷, italianos⁸, portugueses⁹ e judeus além dos sírios e libaneses, que veremos a seguir.

Foi, porém, na última década do século XIX que os árabes chegaram ao Rio Grande do Sul em números mais consistentes. Neste contexto a influência do Prata, no sul do Brasil se sustenta pela proximidade do Porto de Rio Grande à Montevideo e Buenos Aires, mas também pelas ligações fluviais e ferroviárias dessas capitais com Pelotas e Uruguaiana, ou então pela facilidade de travessia através da fronteira seca, como são os casos de diversas cidades do sul do estado entre elas Bagé, Santana do Livramento e Quaraí. Assim, em termos de imigração árabe, o Estado do Rio Grande do Sul foi impactado pelas capitais do Prata de forma indireta, recebendo também os primeiros imigrantes que saíram do Oriente Médio nas últimas décadas do século XIX. A proximidade com os países do Rio da Prata modificou sutilmente, em território nacional, a imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul.

3 Os Sírios na fronteira

Existem diversas evidências¹⁰ mostrando que os sírios e libaneses estiveram presentes na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina no final do século XIX. Naquele momento um contingente razoável de mascates árabes circulava por Bagé, Alegrete, São Gabriel, Herval, Lavras do Sul, Jaguarão, Arroio Grande, Quaraí, Santa Vitória do Palmar e Santana do Livramento/Rivera. A movimentação na fronteira entre o norte do Uruguai e a região de Bagé e Jaguarão era especialmente intensa, e muito frequentada por eles, haja vista o número de pequenos municípios da região com pelo menos uma família árabe. O envolvimento dos sírios e libaneses radicados no sul do estado com os entreveros entre os partidários de diferentes oligarquias gaúchas foi inevitável. A Revolução Federalista

7 De acordo com Martínez (1999, p. 250), de 1890 a 1914, "(...) no Rio Grande do Sul existiam vários núcleos de imigrantes espanhóis: Porto Alegre, Pelotas, Uruguaiana, Bagé e Santana do Livramento, com aproximadamente 10 mil residentes no total, a maioria galegos".

8 Núncia Constantino (2008, p. 56) contabilizou cerca de 13 mil italianos nas cidades gaúchas no fim do século XIX: cerca de seis mil em Porto Alegre, 4.600 em Pelotas, mil em Bagé e em Santo Antônio da Patrulha, 600 em Livramento, 500 em Uruguaiana e 300 em Itaquí.

9 Examinando a presença dos portugueses no Rio Grande do Sul, Dante Laytano (1958) informa que, em 1940, havia 6.127 lusitanos no estado, a maioria residindo em Porto Alegre, Pelotas e Bagé.

10 Anuário do RS (1924); Beckers (1958); Fersan (2002); Rosa (2005).

eclodiu em 1893¹¹, quando os chamados maragatos ou federalistas, liderados por Gaspar Silveira Martins, chefe do Partido Federalista Riograndense, se rebelaram contra o Partido Republicano do Rio Grande do Sul que dominava o cenário político através de seu líder, Júlio de Castilhos, desde 1891. Ele próprio havia escrito e aprovado, junto aos seus pares, a Constituição estadual, garantindo-lhe as condições para, praticamente, se perpetuar no poder (LOVE, 1971).

No sul do estado seu maior representante era Luís Gonçalves das Chagas (1815-1894), o Barão de Candiota, cujas terras se estendiam “das colinas de Santa Maria à cidade de Bagé sem cruzar por outros campos que não fossem os de sua exclusiva propriedade” (CALLAGE, 1929, p.29). Nessa época, centenas de mascates árabes percorriam vastas áreas do sul do Rio Grande do Sul, especialmente as sedes das grandes estâncias, e não seria improvável que, devido à sua intensa mobilidade, eles acabassem assumindo o papel de mensageiros e arautos dos acontecimentos, dentro e fora das terras dos estancieiros. Isso poderia lhes valer de moeda de troca, garantindo, por exemplo, proteção nas estradas pelos peões das estâncias, ou a autorização para fazer comércio naquelas terras, junto aos seus empregados, peões e senhoras dos agregados. Bustani (1946) refere-se à amizade dos imigrantes com o barão de Candiota: “Quando ao findar do século XIX, o inesquecível pai do autor deste livro mascateava pelo interior do estado sulino, teve o amparo do inolvidável gaúcho Barão de Candiota, um dos veteranos heroicos da grandeza sul-rio-grandense” (p. 129).

Ela diferencia-se pela convivência desses árabes com outros grupos de imigrantes, especialmente alemães e italianos, mas também com o gaúcho dos limites da nação. Mascateando por toda a faixa de fronteira, pelos campos do sul, eles conviveram durante algumas décadas com o gaúcho peão de estância, participando das carreiras e aprendendo a montar a moda dos peões da fronteira, usando bombachas e esporas, cavalgando por cima de um pelego. Aproveitando-se do momento econômico muitos montaram ‘bolichos’¹², no meio do pampa para vender aos gaúchos. Nossas pesquisas revelam que o período que corresponde ao da I Guerra Mundial (1914-1918), havia um importante contingente de libaneses, palestinos e sírios circulando entre Argentina, Uruguai e Brasil, na mascateação e com suas lojas e bolichos. Circulavam pelo interior desses países e entre Pelotas,

11 Enquanto os republicanos se estabeleciam com força política sediada em Porto Alegre e especializada no uso da máquina administrativa em seu favor, a oposição federalista, os maragatos mantinham suas bases rurais de sustentação na região da fronteira, dando continuidade à tradição caudilhista e rebelde do Rio Grande (LOVE, 1971).

12 Pequeno estabelecimento comercial em área rural ou à beira de estradas onde o viajante encontra de tudo, especialmente secos e molhados, fumo, sal, banha etc.

Rio Grande e Bagé, até Montevideo e Buenos Aires. Impedidos de retornar ao Oriente Médio por via marítima por causa da guerra, esses árabes, com ajuda dos representantes da República Francesa¹³, fundaram em Pelotas, em 1917, uma agremiação que, de certa forma, guarda até hoje a memória daquele período (ROSA, 2005).

A consolidação das oligarquias em torno do vitorioso Partido Republicano, no poder desde a última revolução, precipitou outra revolta em 1923, pela união das oposições em torno da figura de Assis Brasil, representante dos fazendeiros do sul do estado não satisfeitos com as fraudes observadas nas últimas eleições, ganhas novamente por Borges de Medeiros que contava com apoio da Capital da República. Sob o sul do Rio Grande do Sul, se abateu pesadamente a Revolução e insegurança social, justamente em um momento de crise econômica e recessão mundial, em um contexto pós I Grande Guerra, quando estancieiros e criadores haviam contraído empréstimos para investir em suas propriedades agropastoris, esperando o fim da demanda reprimida, para iniciar período de prosperidade, por isso investiram em melhorar suas instalações e a qualidade dos rebanhos (FLORES, 2013, p.167).

Os revoltosos e suas tropas de cavalaria eram ligeiros nas ações e costumavam, depois de assaltar as posições legalistas no Brasil, “se bandear pros lados do Uruguai” através da fronteira seca. Era justamente ali, no Passo do Salso, na “campanha bruta” de Bagé, que estava radicado, numa pequena estância, no meio do Pampa, Francisco Karan, imigrante e comerciante libanês. Seu filho, Antônio Karan, com pouco menos de dez anos de idade, na época, presenciou a revolução de 1923:

Eu nasci em 1915, no Passo do Salso, na campanha bruta, numa casa de torrão e chão batido. Aí, com 32 anos, minha mãe morreu de convulsão cerebral deixando meu pai com uma penca de filhos. (...). Meu irmão Luiz ainda mamava. Mas a vida prosseguiu. No Passo do Salso meu pai tinha um comércio forte, a luz de vela e querosene.

(...)

Em 1923 a revolução era mais fraca, mas era perigosa também¹⁴ Estávamos lá no Salso e passou o pessoal do governo,

13 De acordo com Eliana Fersan (2002), a República Francesa como protetora dos libaneses maronitas do Monte Líbano, exercia sua influência também na diáspora através de seus consulados. Seu interesse nos levantinos ia desde a propaganda política pró-francesa, marcando uma posição contra a influência alemã e inglesa, mas também no recrutamento de imigrantes para a formação de um ‘batalhão sírio.’

14 O entrevistado deve estar fazendo uma alusão à “outra” revolução, a de 1893, que foi mais

que eram os chimangos e levaram todos os nossos cavalos, nós ficamos a pé. Pouco tempo depois passaram os maragatos, cujo chefe foi muito generoso, muito simpático e respeitoso. Aí aconselharam ao papai que fosse para o Uruguai e levasse a família. E um dia fomos todos de carroça para ao Passo Santa Maria Isabel, no Uruguai. No final de 1924¹⁵ já estávamos voltando para Pelotas, onde tirei o ginásio no Gonzaga (Entrevista com Antônio Karan).

Pelo que vimos acima, a fronteira – área de ocupação antiga, mas em termos demográficos relativamente despovoada, devido à natureza da sua principal atividade econômica (a pecuária extensiva) – merece destaque. Becker (1958, p.315) faz uma digressão interessante sobre as andanças desses “comerciantes-viajantes” pela região. Segundo o autor, eles desempenharam o papel de regulador de preços, comprando mercadorias diretamente em São Paulo e vendendo-as mais barato que os comerciantes já estabelecidos, que eram em pequeno número e, talvez por causa disso, exploravam a clientela. Foi nessa ocasião que os ambulantes sírios e libaneses chegaram à região, alcançando até mesmo os locais mais remotos, vendendo os tecidos e miudezas em geral a preços mais baixos.

A frequente referência a Bagé nas diferentes fontes consultadas revela sua importância no contexto da imigração síria e libanesa para as terras gaúchas. Em Bagé, segundo informa Becker (1958, p.316) havia “forte posição econômica dos árabes e seus descendentes”. Segundo informações de um certo Antônio Mansur, todos os sírios de Bagé eram provenientes da cidade de Homs, inclusive “Fellipe Hallabe que lá chegou em 1898 e os irmãos Miguel e Jorge Nicolau, que chegaram em 1901 e 1902, respectivamente”. Entre os libaneses, encontravam-se “Jacob Fenianos e José Nicolau Schehim como os mais antigos, chegados em 1890”. Outra informação reveladora consta do *Anuário do Rio Grande do Sul*, de 1924, ao mencionar a Associação Beneficente Sírio-Libanesa de Bagé, que contava com 65 membros em 1923 (1924, p. 308).

Jardim (2000), sugere que o apreço do imigrante árabe pela fronteira “se devia a um forte apelo pela busca de oportunidades e consideraram como locais de expansão, com certa distância das rotinas estatais de fiscalização”. Outras vias estratégicas nas quais a presença de patrícios era significativa conectava Jaguarão a Pelotas, com núcleos em Arroio Grande,

violenta.

15 Em dezembro de 1923, a revolução chegou ao fim. Pelo acordo, o chamado Pacto de Pedras Altas, Borges pôde permanecer até o final do mandato em 1928, mas a Constituição gaúcha de 1891 foi reformada, impedindo nova reeleição.

Herval, Pedro Osório e Cerrito e, a que, pelo litoral, fazia a ligação entre Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, com núcleos na Quinta e em Bolacha. No litoral lagunar, no caminho entre Rio Grande e Osório, com núcleos em São José do Norte, Palmares e Bacupari. Foi ali, no final da década de 1920, que Natálio Charbel Paulo¹⁶, pai do entrevistado Salim Cecim Paulo, partindo de São José do Norte, mascateava até Osório, passando por povoados como Palmares do Sul. Neste local conheceu a futura esposa e o futuro sogro¹⁷, dono de uma venda isolada no areal, onde era abundante uma frutinha chamada bacupari. “O Bacupari ficou conhecido atraindo outros moradores até se tornar um distrito de Palmares do Sul” (entrevista com Salim Cecim Paulo).

4 Sírios e Libaneses nas colônias

Quando o regime republicano foi implantado no Brasil, no final de 1889, as melhores áreas de terras colonizáveis no Rio Grande do Sul já estavam saturadas de imigrantes. No final do século XIX, quando restavam apenas minguadas faixas de terras para ocupar, correntes migratórias de outras nacionalidades chegaram ao Rio Grande do Sul. Além dos pioneiros alemães, cujo ingresso foi praticamente ininterrupto em boa parte daquele século, vieram italianos que ocuparam as áreas montanhosas do estado e mais austríacos, russos, ucranianos, lituânios e poloneses, que ocuparam glebas na fronteira noroeste do estado e em outras áreas esparsas remanescentes no centro e norte do estado.

O ingresso dos sírio-libaneses na lavoura não era comum e nem todos foram exitosos no comércio, na medida em que dentro da própria etnia haviam indivíduos com diversos graus de acumulação, mas também de capacidade de trabalho. Mesmo assim, verifica-se que a maioria dos que chegaram jovens até 1914, ainda que tenham vindo sem qualquer estudo ou capital, dificilmente encontraram muitos entraves ou problemas para ascender socialmente no médio prazo. Isso porque, naquela época, o imigrante aparece como lídimo agente do trabalho livre e assalariado, ao mesmo tempo que monopoliza praticamente, as oportunidades reais de classificação econômica e de ascensão social, abertas pela desagregação do

16 Nascido em 25/12/1909, na Síria, estava radicado em 1939 na Chácara das Bananeiras, distrito de São José do Norte. Chegou ao Brasil em 1927, casou-se em 1933 (Fonte: ANRJ).

17 Antônio Gil, nascido na Síria em 1896 (filho de Antônio Moysés e Sofia G.) chegou em 1913 aos 17 anos. Em 1939, residia em Conceição do Arroio, distrito de Osório, e era casado com Jovem Sessin (nascida em 1911, na Síria) e que chegou ao Brasil com três anos, na companhia dos pais. O irmão de Miguel Antônio era Simão Antônio Gil (nascido em 1900, na Síria), chegou ao Brasil aos 14 anos. Em 1939, estava radicado com comércio em Palmares do Sul, 5º distrito de Osório.

trabalho servil e pela constituição de uma sociedade de classes (MARTINS, 1973, p. 178).

Em Passo Fundo os sírios e libaneses ocuparam com seu comércio uma parte central da Avenida Brasil “entre a 7 de Setembro e a rua Fagundes dos Reis, bem como as ruas General Netto e Osório, e ainda a parte central da Rua Moron” (TEDESCO e VANIN, 2017 p. 270). Na Serra Gaúcha, algumas famílias que estavam em Veranópolis e Nova Prata, espalharam-se por outros municípios da serra como Caxias, Garibaldi e Bento Gonçalves. O Senador Pedro Simon, que entrevistamos, disse que sua família chegou do Norte do Líbano diretamente à Caxias do Sul no início da década de 1920, e que as famílias de seus primos: os Davi e os Sehba, já lá estavam.

O ingresso desses ‘patrícios’ no setor agrário não era comum, contudo, com a mecanização da lavoura, e um maior incremento na cultura do arroz, tem-se notícia de que algumas famílias investiram algum capital nessa atividade, como é o caso dos irmãos Selaimen¹⁸, em Cachoeira do Sul. Da mesma forma de Antônio Sessin Gil, em Mostardas e Capivari do Sul, Litoral, e da família Curi¹⁹, em Pelotas. Porém, não há notícia da formação de grandes capitais por parte de imigrantes e descendentes de sírios e libaneses, através da agropecuária, mas sim do comércio e da indústria.

A presença dos sírios e libaneses em grande parte do Rio Grande do Sul, segue o padrão de distribuição desses imigrantes em escala nacional, ou seja, presença distribuída através das tradicionais rotas de transporte, as estradas já existentes, mas também as recém-construídas ferrovias. Os caminhos abertos foram, em suma, de grande importância para distribuição desses imigrantes pelo Brasil²⁰ e também no Rio Grande do Sul, cuja malha ferroviária já era importante em 1898, antes de ser conectada ao resto do país. Uma característica que podemos observar é a presença de imigrantes árabes em fronteiras agrícolas emergentes na época, mas também em zonas de rápida urbanização no início do século XX. É importante lembrar a mobilidade dos sírios e libaneses através de grande parte do estado, nas rotas das principais artérias de transporte que ligam as diversas regiões do interior do Rio Grande do Sul à capital.

18 Consta no ANRJ em 1940, Felipe Selaimen Chemale, chegou ao Brasil aos 15 anos em 1905. Nascido no Líbano em 1890, era morador de Porto Alegre, Bairro São João, e declarou que era agricultor no Vale do Taquari- Região de Lajeado.

19 Até os dias de hoje a família Curi é proprietária de uma ‘arrozeira’ em Pelotas, à Av. Salgado Filho.

20 Apesar de não se incluírem entre os principais grupos imigrantes, os sírios e libaneses são aqueles que se apresentam mais espalhados pelo território brasileiro (LAMARÃO, 2004).

Em cada chegada era um alvoroço, as pessoas o recebiam de cara alegre e olhos curiosos para saber as novas do mascate, levavam consigo corte de tecido, roupas e diversos outros produtos para aqueles fundões de pampa. Na época da safra agrícola trocava-se por sacos de cereais as mercadorias era comum também trocar por gado e até campo [terras] entravam na negociação (PEREIRA, 2008, p.30).

A rede ferroviária gaúcha, por exemplo, serviu como fundamental ferramenta para este fim, sendo que, desde o início do movimento migratório sírio-libanês, esses imigrantes acompanharam o crescimento da rede ferroviária, utilizando-a para espalhar seus representantes nos diversos municípios, mas também transportar mercadorias. Isso explica como, eventualmente, é possível encontrar uma família síria isolada, com vendinha ou armazém em pequeno rincão, sobretudo nas décadas iniciais do início de século XX. Observamos, contudo, que as áreas no norte e no-roeste do estado, especialmente próximo ao Rio Uruguai, entre Erechim, Frederico Westphalen, Palmares das Missões até Santa Rosa, mais a oeste, são as regiões que nos mostram menor número de famílias sírio-libanesas instaladas, o que talvez se explique pelo fato dessas últimas áreas de terras devolutas do estado terem sido colonizadas tardiamente e também mais rigorosamente controladas por seus administradores, como foi o caso de Erechim, por exemplo, que iniciou sua exploração seguindo cartilhas positivistas, orientados pela realidade da época, o que pode ter afastado esses sírios.



Mapa 1: Malha férrea do Rio Grande do Sul m 1898.

No meio rural, Manara Maihub (1995, p.95) diz em seu texto que pelo menos duas famílias sírio-libanesas foram pioneiras “no que era o primeiro povoado que originou Gramado.” A visão feminina de uma autora gaúcha sobre a imigração árabe em terras de ocupação europeia conta que “a inserção social não foi absolutamente fácil”. A autora lembra que os imigrantes árabes são “de uma cultura completamente diferente daquela em que vieram se instalar”, e que por isso, “esses tempos foram difíceis”. A autora ainda lembra que esses árabes “foram boicotados por alguns e acolhido por outros contemporâneos”, lembrando que o “panorama mundial” do início do século XX estava contaminado por teorias de raças superiores, e que o sistema político local era dominado pelas elites positivistas, o que só piorava o quadro para esses imigrantes de origem médio oriental.

5 Distribuição geográfica dos árabes no Rio Grande do Sul

Através de nossas pesquisas percebemos que a maior parte desses árabes se fixou nos principais centros urbanos, e, de acordo com o levantamento dos arquivos, cerca de 20% do total espalharam-se pelo interior do estado, desses, a maioria nas cidades médias e pequenas, poucos no meio rural. A inserção desses imigrantes procedentes do Oriente Médio deu-se tanto em áreas povoadas previamente por população de origem europeia (alemães, italianos, portugueses e poloneses etc.), – porção do território gaúcho mais desenvolvida economicamente e então com maior contingente demográfico, como também àquelas no sul do Estado e Fronteira Oeste, com povoamento mais antigo e sem a marca migratória.

Nossa pesquisa no Arquivo Nacional²¹, confirmou que 436 das 753 pessoas identificadas nas fichas do arquivo de cadastramento de estrangeiros entre 1939 e 1949, encontraram-se instaladas em Porto Alegre, há registros da fixação, com efetivos bem menores, de sírios e libaneses em outros importantes centros urbanos gaúchos – Pelotas (84 registros), Rio Grande (53), Santa Maria (33), Alegrete (18), Uruguaiana (16), Bagé (13) e Ca-

21 Entre os dias 25 de maio e 18 de junho de 2015, trabalhamos com as fontes do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro referentes ao cadastro de estrangeiros radicados no estado do Rio Grande do Sul. Examinando a documentação do arquivo de estrangeiros, aberto pela Polícia Federal em 1939, selecionamos manualmente, entre as cerca de 20 mil fichas do arquivo, aquelas com sobrenomes árabes entre as demais etnias que se fixaram no estado. Depois de refinada a seleção, transcrevemos 753 nomes que representam um retrato coletivo, mas também individual, dos imigrantes sírios e/ou libaneses no estado, entre 1939 e 1949, época do cadastramento. Esta seleção de nomes e trajetórias contém diversas informações sobre cada imigrante, como local e data de nascimento, data de chegada ao país, profissão e endereços domiciliares e profissionais nas cidades de residência, além de estado civil e filiação de cada árabe que se cadastrou no estado naquela época.

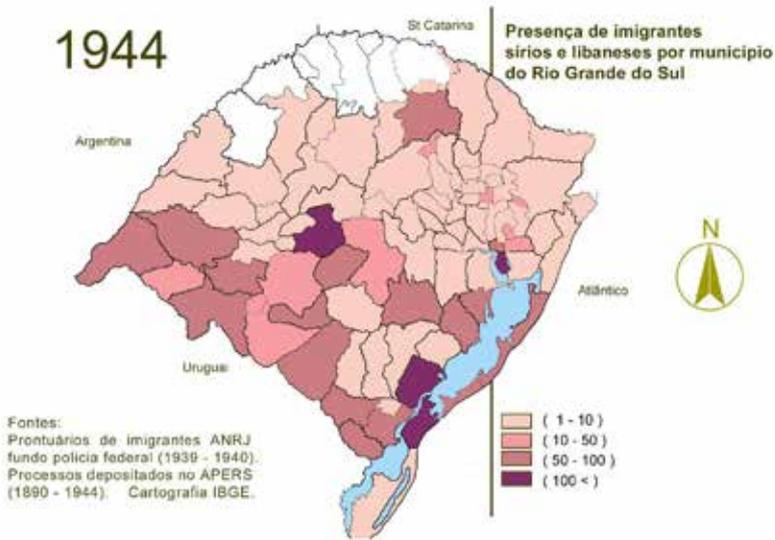
noas (oito), e em centros menores: São Sepé (12) e São José do Norte (sete).

Outros municípios encontram-se igualmente presentes²², mas com números menos expressivos: Osório (distrito de Bacupari), Cachoeira do Sul (Restinga Seca), Gravataí, Jaguarão, São Gabriel, Santa Vitória do Palmar, todos com três nomes: Canguçu, São Jerônimo, Viamão, Novo Hamburgo, Encantado, Arroio Grande, Itaqui, São Francisco de Paula, Encruzilhada do Sul, Tapes e Jaguarão, todos com dois nomes; e, por fim, com um nome cada, os municípios de Guaporé, São Lourenço do Sul, Dom Pedrito, Santa Cruz do Sul, Camaquã, Passo Fundo, Livramento, Lavras do Sul, Bom Jesus, Rosário do Sul, Estrela, Lajeado, Santo Antônio da Patrulha, Quaraí, Herval, Montenegro e Vacaria.

Já as áreas da faixa central saindo de São Borja se estendendo até Santa Rosa, ao norte, fechando o triângulo em São Pedro do Sul, passando por Santiago e Cacequi, também apresentam fraco índice de registros de imigrantes sírios, fato que pode estar ligado ao pequeno número de municípios e cidades maiores naquela região, o que se reflete na rede ferroviária, que também é mais escassa. Por outro lado, a capilaridade dessa corrente migratória em solo gaúcho é destacada, de forma grandiloquente, por um filho de imigrante árabe estabelecido em Uruguaiana, Jorge Tanus Bastani: “Esse território, tradicional pelo seu heroísmo, foi revolvido de norte a sul, desde Marcelino Ramos até o Chuy, desde a praia de Torres até o colossal Rio Uruguai, pelos indômitos filhos do Líbano” (BASTANI, 1946, p. 105).

Esses números indicam a nítida preferência desta corrente migratória, pelos maiores centros urbanos do estado, os mais populosos e desenvolvidos comercialmente, para ali se fixarem e iniciarem suas atividades profissionais. Os dados do Arquivo Nacional com que trabalhamos mostram que Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Santa Maria formam um quadrilátero comercial e logístico, que reunia à época (1939-1949) pouco mais de 80% do total de sírios e libaneses residentes no estado. O restante espalhava-se pelos demais municípios listados. De fato, um instantâneo de meio de século aponta para números os quais indicam que a imigração de árabes no Rio Grande do Sul foi um fenômeno concentrado principalmente em áreas urbanas do estado: na capital e nos municípios de Pelotas, Rio Grande e Santa Maria. Assim, de acordo com nosso microcosmo, as porcentagens configuram-se: Porto Alegre 58%; Pelotas 11%; Rio Grande 7%; Santa Maria 4,5%; e, espalhados por outras cidades do interior, os restantes 19,5%.

22 Deve-se levar em conta que a partir do início do período estudado, 1890, diversos distritos de grandes municípios foram desmembrados e se tornaram sedes municipais, por exemplo: Nova Prata de Alfredo Chaves, Ijuí de Cruz Alta, Vacaria de Santo Antônio da Patrulha, entre muitos outros casos semelhantes.



Mapa 2: Municípios gaúchos em 1944.

Uma das marcas mais importantes foi a mobilidade inicial que apresentaram os patrícios no estado. Fica claro, através de vários relatos, que os imigrantes estavam inseridos em redes de cooperação desde o início, antes até da chegada ao Brasil. Contudo, há de se levar em conta alguns fatores preponderantes os quais influenciam o demonstrativo que apresentamos. Em primeiro lugar, não devemos esquecer que, graças à rápida industrialização, nas primeiras décadas do século XX, Porto Alegre se firmou economicamente. No decorrer do século, outras cidades ao norte e a oeste atraíam mais oportunidades comerciais. Mesmo porque, ao sul do estado, é necessário levar em conta, além da crise do capitalismo de 1929, o declínio das atividades da indústria do charque e o consequente fechamento dos bancos Popular e Pelotense, em fins dos anos de 1920 e início da década de 1930 fechou muitos postos de trabalho. Da mesma forma, um pouco mais adiante, o declínio das fábricas frigoríficas localizadas no sul do estado fez muitos imigrantes radicados em Pelotas e Rio Grande se deslocarem para outros pontos do estado em busca de oportunidades, principalmente para Santa Maria, Porto Alegre e seu entorno; como conta Salim Cecim: “Em 1955, percorri todo o interior do estado colhendo assinatura de descendentes para referendar um novo Consul do Líbano em Porto Alegre.

Me lembro que, em Santa Maria, havia mais libaneses e descendentes do que em Pelotas e Rio Grande”. (Entrevista com Salim Cecim). Em nossa pesquisa no Arquivo Nacional verificamos a importância estratégica das cidades de Santa Maria, Cachoeira do Sul e São Sepé para esses imigrantes árabes na primeira metade do século XX, muito provavelmente

pelo desenvolvimento da região gerado pela mecanização da lavoura, mas também pela localização central no estado.

6 Inventário bibliográfico da imigração árabe no Rio Grande do Sul

Os primeiros textos dedicados especificamente à imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul constam de um capítulo do volume V da Enciclopédia Rio-Grandense (1958). A seção correspondente aos levantinos é dividida em duas partes: imigração libanesa e imigração síria-árabe, cada uma escrita separadamente. O organizador da obra, Klaus Becker, escreve: *Os sírios e outros imigrantes árabes* (p.311-321), e o cônsul honorário do Líbano em Porto Alegre, Abdalla Adalberto Creidy, *Os libaneses e sua história* (p.303-310).

A peculiaridade deste último texto é que o autor vincula os libaneses diretamente aos fenícios e aos cruzados, colocando o Líbano em uma espécie de isolamento regional, renegando as raízes árabes também presentes naquele território. Curioso é perceber que Becker, quando escreve sobre os sírios e os árabes, não deixa de falar dos libaneses enquanto um povo árabe também.

A pesquisa bibliográfica, como no caso acima, localizou literatura memorialista ou genealógica produzida em diversos municípios do interior do estado. Essa literatura serviu para fechar as lacunas deixadas por outras fontes e se tornaram imprescindíveis quando nosso objetivo é conhecer o maior número possível de manifestações e referências sobre a imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, uma vez que as fontes disponíveis se mostraram incompletas ao pesquisador.

Assim são os casos do padre Fidelis Dalcin Barbosa (1981), que escreveu *História do Município de Lagoa Vermelha*, cidade ao norte do Rio Grande do Sul. A publicação indica a presença de imigrantes sírio-libaneses no município como mostra a seguinte passagem (da página 208) “na década de 1920 trabalhava aqui o médico José Gabriel Nicolau Merib, tronco da numerosa família Merib”. No livro verificamos também o nome de Miguel Jacob Nácul que “emigrou da Síria em 1880, estabelecendo-se [em Lagoa Vermelha] com casa de comercio” e seu irmão, José Jacob Nácul (p.61) “nascido em 1870, que aqui chegou em 1890, estabelecendo-se com forte casa comercial, tornando-se ainda pecuarista”. Barbosa (1981, p.61), ainda menciona dois membros da família Tigre, “João Moisés e seu filho Gabriel Moisés Tigre, nascido em Vacaria em 1896”. Relata que Gabriel foi vice intendente e prefeito de Lagoa Vermelha nas primeiras décadas do século XX, assim verificamos uma primeira geração de filhos de imigrantes árabes (ben-árabe)

nascida no Brasil ainda no século XIX.

Em *Lembrança de Vacaria* de Abreu, Giron e Giroto, (2013) encontramos a presença da família de Nicolau Chedid, (p.121) que também foi lembrado por um caso, que levantou polêmica na Vacaria do início do século XX. De acordo com Dalva Soledade²³, que é quem relata, (p.121) “o Seu Nicolau Chedid tinha uma filha - se eu não me engano o nome da filha dele era Jamila, nome de árabe”. Acometida de mal grave foi salva por uma promessa do pai, que, conforme havia dito a todos, colocaria a imagem de Nossa Senhora na torre da igreja. “Então, não sei quem é que deixou botarem lá em cima muitos gostaram, mas a maioria não gostou!”. Outros autores, da mesma publicação, reafirmam a presença da família Chedid. Na página 12 quando diz que “na década de 1930 viviam em Vacaria pessoas de origem árabe entre eles os Chedid”, e na página 26, quando se recorda o “mercadinho de Nicolau Chedid na rua do Vinagre, em Vacaria”.

Romeu Beltrão, fez o mesmo em relação a Santa Maria com a publicação *Cronologia histórica de Santa Maria* e do extinto município de São Martinho: 1787 – 1930 (1979). Também é válido citar Clemente e Ungaretti, em *História de Garibaldi 1870-1993*. Na página 30 diz o seguinte: “Os sírios, chegados nas primeiras décadas de 1900, desenvolveram um papel importante na vida comercial e social de Garibaldi, as famílias mais notáveis foram as de: Moysés Mereb, André Koff, Antônio Koff, Nehme e Lahude. Hoje, segundo verificamos, todos os membros das famílias acima citadas exercem alguma profissão liberal em Porto Alegre.

Os membros destas famílias eram pedreiros, seleiros, sapateiros, ferreiros que viviam o tempo entre a agricultura e a modesta profissão, quase todos da região de Tartus. Moysés Mereb veio para o Brasil em 1900, em companhia dos primos André e Antônio Koff. Os primeiros anos levaram a vida de mascate percorrendo toda a região, com baú as costas, depois, no dorso de jumento, depois numa carreta até se fixarem com casa de comércio (CLEMENTE & UNGARETTI, 1993, p.30)

Ademar Campos Bindé, jornalista e autor de *Os árabes*, publicado em 2008 pela Universidade de Ijuí naquela cidade. Trata-se de uma coleção dedicada às diversas etnias que chegaram a cidade de Ijuí, região Noroeste Colonial. No livro há uma referências à duas famílias sírio-libanesas radicadas lá no início da cidade²⁴. Ele conta a história de dois mascates; um

23 Cronista da cidade.

24 <http://www.ijui.com/blog-do-ademar-binde/25525-dois-mascates-e-uma-uniao-que->

libanês – Habib João Craidy e outro sírio, Jorge Athanásio Joaquim Queruz –, “que abriram uma loja em sociedade, em 1912, que teria grande projeção na vida econômica de Ijuí”. Bindé (2009, p.38) tem o histórico completo do árabe: “Habib João Craidy. Segundo o autor, ele nasceu no dia 8 de setembro de 1877 na localidade de *Bait Craidy*, no Líbano, veio para o Brasil no ano de 1895, com a idade de 18 anos” e continua: “Primeiro, ele se fixou no município de Cruz Alta, Região do Alto Jacuí. Em 1912 mudou-se para Ijuí onde fundou a ‘Casa Confiança’. Passou a dividir suas atividades entre o atendimento na sua loja e as funções de mascate”. Bindé (2009, p.33) ainda descreve como ganhava a vida. “Se utilizava de uma pequena carrocinha na qual andava à caça de clientes em toda a parte, batendo de porta em porta. A Casa Confiança, de Habib João Craidy, apresentava algumas características que a diferenciavam de outras lojas comerciais da época na cidade”:

“Era muito bem sortida. Além de tecidos, chapéus e calçados, possuía uma apreciável variedade de perfumes franceses e artigos finos, que a tornavam ponto obrigatório dos noivos daqueles tempos” (BINDÉ, 2009 p. 33).

Ainda do interior do estado, Luiz Felipe Pereira, professor universitário, publicou, em 2008, pela Universidade da Região da Campanha, a *Revista do Imigrante*, contendo alguns nomes de comerciantes sírio-libaneses radicados em Alegrete desde o início do século XX. O mesmo foi feito na cidade de Gramado por Vera Lúcia Maciel Barroso e Marília Daros, organizadoras do livro *Raízes de Gramado* (1995), em Vacaria, novamente por Fidelis Barbosa, autor de *Vacaria dos Pinhais* (1978), e José Carlos L. Silva, autor do livro *Povoamento do Município de São João Batista de Camaquã: aspectos da história, genealogia e biografias* (2005). Nessas publicações há relatos de famílias de imigrantes sírio-libaneses estabelecidas, em geral, no comércio.

Luiz Salim Kalil, ex-prefeito de Bagé, publicou o livro intitulado *Salim faz preço freguês, Samuel também faz senhor...* (2007). O livro de Kalil é um romance histórico, talvez inspirado na saga de sua própria família, ambientado na fictícia cidade de São Sebastião, localizada na fronteira sul do estado do Rio Grande do Sul. O autor conta a história de uma família libanesa e outra de imigrantes judeus poloneses, que chegaram ao sul do estado no início do século XX, e que foram parceiros nos negócios, tendo passado juntos por todas as conjunturas políticas e sociais que afligiram o sul do estado, o país e o mundo na primeira metade do século XX. O primeiro personagem é o comerciante cristão libanês Salim, e o segundo o judeu Samuel, industrial.

Ele que não dispunha de muito dinheiro para abrir um comércio estabelecido, portanto a alternativa que sobrava para o início da vida era a de mascate. Comprou um cavalo, uma mula, recebeu em consignação uma boa quantidade de mercadorias e saiu pelo pampa afora, vendendo suas quinilharias nas estâncias, e à medida que ia conhecendo mais caminhos e pessoas, familiarizando-se com seus gostos, mais e melhores mercadorias colocava no lombo de suas montarias; as economias iam se acumulando. (KALIL, 2017, p.10)

Kalil conta que Samuel, receoso pelas perseguições sofridas em sua terra natal preferiu se refugiar no sul do estado por ficar mais perto da Argentina e do Uruguai. “A qualquer contratempo, as alternativas seriam muitas. Samuel era um judeu teórico, bastante afastado das Sinagogas que, aliás, pouco frequentava”. (KALIL, 2013, p.12) Ambos ficam bem de vida e terminaram por casar seus filhos em pleno 11 de setembro de 2001, quando termina a história.

Na literatura romancista, como em alguns contos avulsos do escritor gaúcho Érico Veríssimo, reconhecido por retratar muito da maneira de ser, pensar e sentir do povo sul-rio-grandense, menciona, de forma repetida, o elemento ‘turco’ entre seus personagens. No conto *A escolha*, da década de 1940, a protagonista Zizinha Moreira, donzela casamenteira de 20 anos de idade, da fictícia cidade gaúcha de Jacareacanga, falando com sua mãe, que diz “estar na hora de ela arrumar um pretendente”, refere-se assim à beleza das moças rivais da cidade, de forma debochada: - “A Ismênia, do ‘turco’ ali da esquina... parece uma mulata...”. Carlos Nejar, outro premiado escritor gaúcho, este de ascendência sírio-libanesa, além de poeta também é ficcionista, crítico, tradutor e membro da Academia Brasileira de Letras. O autor tem um poema no livro *Os vivos* (1979), que guarda clara conexão com a mobilidade do ofício do viajante árabe pelo Rio Grande do Sul.

“Abadil, o viajante. Não era um, era muitos confluindo no seu corpo e o fatigando.

Abadil, mais que Abadil, a infância dele, o rebelde, suas letras de colégio,

o anterior e o seguinte, a baldeação de Abadil, o seu arrabalde, o sítio.

E fora dele, a tronqueira, o funcho, o mundo encantado.

Notícias e coragens sobraçavam-lhe o jaleco.

Imprevistos: as botas não os calçam nem consertam.

Viajava. De Porto Alegre a São Borja.

Ou melhor, desviava nas horas de nossas partes ou mortes”.

Outra fonte recorrida foi a de ‘*blog’s*’ de descendentes de árabes na rede de computadores. Um de nossos entrevistados, Aloyzio Achutti, mantém uma página na rede mundial de computadores com o nome de “*Histórias que meu pai contava*”. O médico aposentado de 83 anos diz o seguinte em relação ao avô, imigrante libanês: “Ele [o pai Bortolo Achutti] dizia que meu avô, Antônio Mansur, havia nascido em 18 de janeiro de 1869, na cidade de Beirute, junto à baía de *Junin*, no Líbano”. Achutti, que mesmo tendo o avô e o pai desposado descendentes de italianos e alemães, respectivamente, continua a lembrar do pai que falava sobre seu avô; “ele teria vindo para o Brasil no século XIX, mais ou menos no fim da década de 80 ou no início dos anos 90. Era solteiro, e consta que tinha 17 anos, e se assim foi, deveria ter por aqui chegado em 1887, antes da Proclamação da República”. Ele não veio sozinho, mas “acompanhando seu irmão mais velho José, que já era casado e deixara temporariamente mulher e filhos em sua terra natal”.

Meu avô tinha mais dois irmãos, Maron e Maria, que chegaram ao Brasil mais tarde, na década de 90. Segundo meu pai, eles teriam vindo, a mando da mãe, para buscar de volta os dois que chegaram primeiro e que teriam vindo somente para “fazer a América”, juntar algum dinheiro e retornar para casa. Meu avô, durante toda a vida se culpava por não ter voltado para rever a mãe que morreu sozinha no Líbano, pois os filhos optaram por ficar no Brasil (ACHUTTI, Blog na WEB²⁵ em 12.10.2015).

Nessas memórias do avô, o imigrante libanês Antônio Mansur, Achutti, lembrando o que ouviu de seu pai, Bortolo, conta que Antônio “chegou em Montevideo, onde desembarcaram e, em contato com patrícios, conseguiram caixas de mascate cheias de mercadoria, prosseguindo a pé em direção a Porto Alegre, pelo meio dos campos”. A História de Mansur é idêntica de muitos outros imigrantes árabes que entraram no Rio Grande do Sul vindos do Uruguai, muitos a pé, e prossegue: “Vendiam seus produtos nas sedes de fazendas e vilarejos, até terminar a mercadoria”. De acordo com Achutti, seu avô e o irmão dele, José, depois de um tempo em Porto Alegre, foram para Santo Ângelo, (Missões) onde abriram um comércio, mas por causa da Revolução de 1893, tiveram que abandonar a região às pressas.

25 <http://amicorextension.blogspot.com.br/2012/10/bortolo-achutti-1898-1977.html>.

Vieram de volta de carroça; José se radicou em São Pedro do Sul, enquanto Antônio em Santa Maria, (Região Central) onde nasceu Bortolo.

É interessante que, pelo que eu entendi, eles aqui chegaram sem saber falar português e sem saber escrever com nossos caracteres, o que não os impediu de negociar e ir aprendendo a língua, enquanto iam juntando dinheiro para sobreviver, e depois se tornarem comerciantes até abastados (ACHUTTI, Blog na WEB em 12.10.2015).

Curioso foi ler nas memórias do neto, que, de acordo com o que foi transmitido pelo pai, o avô incorporou o nome de Achutti depois que, ainda muito jovem, desceu as montanhas do Líbano, vindos da região de *Achout*, para tentar a vida em Beirute, de onde depois de algum tempo, embarcou para a América. Embora essas histórias de imigrantes se pareçam umas com as outras, o que também pode estar por detrás, é um discurso unificador de trajetórias que confere um sentimento de unidade aos imigrantes e seus descendentes.

Através de trabalhos menos memorialistas, três autoras aparecem nas abordagens e enfoques dos estudos da imigração árabe no estado gaúcho. A primeira é Cecília Kemel, filha de sírios de Cachoeira do Sul, autora de *Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil*, de 2000. Sua obra é um estudo antropológico sobre a imigração árabe no Rio Grande do Sul. O trabalho se destaca pela análise do lugar e do papel da mulher no processo migratório, tema raramente abordado na literatura da imigração. A obra de Cecília Kemel, embora concisa e não propriamente um trabalho acadêmico, coteja diversos aspectos da cultura árabe no estado que não foram abordados nos demais estudos a que tivemos acesso.

A segunda autora é Liane Chipollino Asséf. Historiadora, natural de Santana do Livramento, ela escreveu alguns artigos sobre os aspectos da imigração palestina e sírio-libanesa na fronteira. Na obra *Um olhar sobre a presença árabe na fronteira* (2014)²⁶, a autora disserta sobre diversas características da identidade árabe no ambiente fronteiriço gaúcho, o que nos serviu para conhecer melhor esta realidade além do nome de algumas famílias pioneiras.

Por derradeiro, a única obra que trata de imigração árabe em Porto Alegre de uma forma mais detalhada e abrangente, especialmente no período que também trabalhamos, é o livro comemorativo aos 70 anos da

26 Disponível em: < <http://jogodamemoria.blogspot.com.br/2013/03/um-olhar-sobre-presenca-arabe-na.html>>.

Sociedade Libanesa de Porto Alegre, assinado pela pesquisadora Suzana Schilling. Em *Uma história a ser lembrada: Sociedade libanesa de Porto Alegre* (2007), a autora elabora um apanhado histórico da comunidade maronita de Porto Alegre, além de outras informações expressas nas sociabilidades da Sociedade Libanesa de Porto Alegre. Através de entrevistas com os ex-presidentes, toda a história do clube é contada. Há também uma análise de algumas atas das reuniões da diretoria do Clube, desde a sua fundação, na década de 1930. Com o trabalho de Schilling, foi recuperada uma importante parte da história da comunidade árabe de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

Assim, mesmo tirando vantagem das informações que contêm, verificamos que as diversas formas de obras literárias sobre imigração árabe no estado, quer sejam memorialistas, ficcionais ou romantizadas, assim como literatura oficial encomendada por grupos étnicos, mas também as obras que se pretendem isentas e os estudos acadêmicos sobre a imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, são relativamente escassas e, a maioria das fontes, antigas, no entanto, aproveitamos todas neste artigo, uma vez que trazem informações sobre os estabelecimentos comerciais dos imigrantes, assim como as primeiras famílias sírio-libanesas a povoar os municípios gaúchos onde as obras são ambientadas.

Embora seja verdade que os movimentos migratórios mais relevantes para o Rio Grande do Sul, como o de alemães, portugueses, italianos e poloneses, sejam sempre mais volumosos e têm mais divulgação de sua memória do que o dos sírio-libaneses, e apesar da imigração europeia projetar uma sombra espessa sobre a acanhada presença árabe no Rio Grande do Sul, o presente artigo contribui um pouco para mitigar esta realidade, relatando a memória desses imigrantes do Oriente Médio, presentes em todas as áreas e bem inseridos na sociedade gaúcha. Assim lançamos um fecho de luz sobre a real contribuição desses imigrantes no desenvolvimento do Rio Grande do Sul, mas também para sua diversidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante distinguir sociologicamente entre imigrantes que chegaram jovens, e que puderam aventurar-se justamente por não estarem muito envolvidos em uma ordem social e nem possuírem “interesses adquiridos de ordem econômica ou espiritual” e aqueles já inseridos em uma estrutura familiar, que norteou os seus passos iniciais (WEBER, 2010 p.103). Nesses dois conjuntos de imigrantes – os grupos familiares e os jovens independentes – são observáveis dois pontos em comum: (a) a atividade comercial inserida em uma cadeia relacional, caracterizada por uma rede

de patrícios que procurava a sustentabilidade econômica e, se possível, marcar um nicho comercial de produtos para afastar a concorrência; (b) o papel importante que tiveram outros árabes – seja consignando-lhe mercadorias para que pudesse vender em regime de acerto posterior, mas também como companhia de aventuras em busca de riquezas, seja no auxílio para a inserção profissional mais estável, mais vantajosa, ou simplesmente mais “familiar”, no sentido de “comunidades de descendência e cultura” (FENTON, 2003, p. 13). Neste sentido, de acordo com os estudos de Soutelo Vásques (1998, p. 103) o “capital relacional” facilitou a integração sócio-profissional do imigrante sírio-libanês na sociedade receptora.

A característica inicial dessa imigração foi a mobilidade, seja se deslocando para solo gaúcho através da fronteira seca com o Uruguai, seja regressando ao Oriente Médio e tornando a voltar ao sul do Brasil, atraídos pelos lucros das charqueadas, seja ocupando os mercados de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, ou ainda, em menor número, acompanhando as colônias no centro e na metade norte do estado, onde se estabeleciam com pequenos entrepostos para atender aos imigrantes europeus. Como mascates eles foram seduzidos a permanecer no país durante o início do século XX, usaram o lucro obtido para ampliar seu comércio, estabelecidos, participaram da emergente sociedade gaúcha, primordialmente no comércio, e com isso, lograram educar seus filhos que foram, em grande escala, inseridos no mercado de trabalho brasileiro em formação durante o fim da primeira metade do século passado.

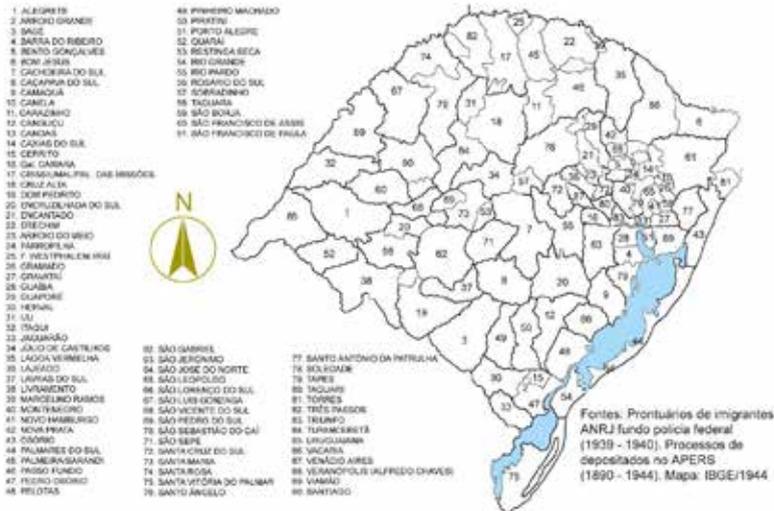
Em solo gaúcho os libaneses não só escaparam do preconceito do ‘turco’ como também souberam tirar vantagem do prestígio da imagem do imigrante ideal, associando-se a ela, ainda que agregando características próprias de destemido e desbravador. Como estrangeiro branco e cristão, proprietário e empreendedor, eles ainda souberam ativar suas fronteiras étnicas mantendo seus clubes e igrejas que abriram, onde junto com brasileiros e descendentes de outros imigrantes festejam a diversidade, ouvindo a missa em português rezada por padre árabe, saboreando no clube libanês um bom quibe com tabule e ouvindo música regional gaúcha.

Por fim, é curioso verificar que ocorreu no Rio Grande do Sul, ainda no período de inserção desses imigrantes árabes um processo de diferenciação. Os libaneses apostaram na diferenciação deles em relação aos outros imigrantes de fala e cultura árabe de forma muito semelhante ao que estava acontecendo no Líbano, quando patrocinado pela França, na época que se seguiu ao fim da I Grande Guerra, o Líbano cristão foi separado da Síria muçulmana, ambas sob Mandato Francês, para fazer do Líbano um confiável aliado do Ocidente. O Líbano se diferenciou dos sírios e dos ou-

tros árabes, ora evocando raízes fenícias, ora vinculando suas identidades a instituições pré-islâmicas como a Igreja Maronita libanesa, aliada dos invasores (ou libertadores) cruzados europeus dos séculos XI e XII.

Em Porto Alegre, o Clube Sociedade Libanesa e a Igreja Maronita têm como características mais marcantes o acesso universal e a regularidade com que funcionam. Essas instituições sempre foram espaços de ininterrupta oportunidade de aproximação de elementos da cultura libanesa, mas também árabe à brasileiros e outros imigrantes e seus descendentes. Observamos assim, um processo histórico de “libanização” da figura do imigrante árabe no Rio Grande do Sul. Isso se explica pela imagem que os libaneses elaboraram de si mesmos como imigrantes cristãos, brancos e respeitáveis comerciantes, inseridos e assimilados pela sociedade, valores que não foram idealizados pelas elites nacionais do século XIX para imigrantes não europeus, mas que foi pensado e elaborado por esses imigrantes. Ser de origem libanesa significa, no Rio Grande do Sul, escapar do estigma de ‘turco’, ao mesmo tempo pertencer a uma prestigiosa ‘classe’ que desfruta de vantagens sociais *a priori*, uma vez que responde positivamente a pressão da sociedade local que vincula a pessoa ‘imigrante, ou de origem’ ao êxito da emigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul, essas em maior número e muito presentes na sociedade gaúcha.

Divisão territorial do Estado do Rio do Grande do Sul. (1944)



Mapa 3: índice. Municípios gaúchos em 1944.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Arlene Medeiros; GIRON Loraine Slomp; GIROTTO Magali Giuseppina Paim (Org's) *Lembranças de Vacaria*. Vacaria/RS: Secretaria Municipal de Educação, 2013.
- ACHUTTY, Aloysio. *Histórias que meu pai contava*. Disponível em: <<http://amicore-book.blogspot.com.br/2016/02/historias-que-meu-pai-contava-3.html?view=magazine>>. Acesso em: 11/03/2017.
- ALMEIDA, Ludmila Savri. Sírios e libaneses: redes familiares e negócios. In: Célia Maria Borges (org.). *Solidariedades e conflitos. Histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.
- ANNUÁRIO ESTATÍSTICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Anno 1923. Repartição de Estatística. Oficinas Graphicas d'a Federação: Porto Alegre, 1924.
- ASEFF, Liane Chipollino Um olhar sobre a presença árabe na fronteira. Texto apresentado no IV Festival Sul Americano da Cultura Árabe, Unipampa, 2014. Disponível em: <<http://jogosdamemoria.blogspot.com.br/2013/03/um-olhar-sobre-presenca-arabe-na.html>>. Acesso em: 22/11/2016.
- BARBOSA, Fidelis D. *Vacaria do Pinhais*. Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1978.
- _____. *Nova história de Lagoa Vermelha*. Porto Alegre: Est Editores, 1981.
- BARROSO, Vera Lúcia M. e DAROS, Marília (ORG) *Raízes de Gramado*. Porto Alegre: EST, 1975 1ª edição.
- BASTANI, Tanus Jorge A emigração libanesa para o Brasil. In: JORGE, Salomão. *Álbun da colônia sírio-libanesa no Brasil*. São Paulo: Soc. Imp. Brasileira, 1946.
- BECKER, Klaus. *Sírios e outros imigrantes árabes*. In: Enciclopédia Rio-Grandense, V. 5º Imigração. Canoas/RS: Editora Regional Ltda, 1958.
- BELTRÃO, Romeu *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787 – 1930*. 3. ed. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM. 1979. 776 p.
- BINDÉ, Ademar. *Os árabes*. Ijuí: volume 9. Col. As etnias de Ijuí. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.
- CALLAGE, Roque. *No fogão do gaúcho*. Porto Alegre: Globo, 1929.
- CAPELLO, Ernesto. *Carrying the past: the Syrio-Lebanese Emigration to Brazil*. Journal, nº IV, Disponível em: <<http://www.la.utexas.edu/research/paisano/EEctext.html>>. Acesso em: 22/11/2016.

- CLEMENTE, Elvo & UNGARETTI, Maura. *A história de Garibaldi*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- CONSTANTINO, Núncia. *O Italiano da Esquina: imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense* Porto Alegre: Est Edições, 2008.
- CORTES, Geraldo Menezes. *Migração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. Coleção Documentos Brasileiros, n. 95, 1958.
- D'ORNELLAS, Manuelito. *Gaúchos e Beduínos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.
- FAGUNDES, Antônio Augusto. *Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul*. Martins Livreiro Editor, 1996.
- FENTON, S. *Etnicidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- FLORES, Moacyr. *A história do Rio Grande do Sul*. 9ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2013.
- JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no extremo sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismos de produção da etnicidade*. Chuí/RS. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Antropologia, UFRGS, 2000.
- KALIL, Luiz. *Salim faz preço, freguês! Samuel também faz, senhor...* Porto Alegre Evangraf Ltda./Bagé: Praça da Matriz Editora, 2007.
- KEMEL, Cecília L.A. *Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- KNOWLTON, Clark *Sírios e libaneses em São Paulo: ascensão social e mobilidade espacial*. São Paulo: Anhembi, 1960.
- LAMARÃO, Sergio Sérgio Tadeu de Niemeyer. Identidade étnica e representação política: descendentes de sírios e libaneses no Parlamento brasileiro, 1945 -1998 In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (org.). *Guerras e imigrações*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.
- LAYTANO, Dante de. Os portugueses. In: Becker et al. *Enciclopédia rio-grandense*. Canoas: Regional, 1958. (v.5 imigração).
- LESSER, Jeffrey. *Negotiating the national identity. Immigrations, minorities and the struggle for ethnicity in Brazil*. Durham, Duke Uni. Press, 1999.
- LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MANARA, Soraya Maihub Contribuições de Famílias Sírio-libanesas à Colonização de Gramado IN: DAROS, Marília; BARROSO, Vera Lúcia M. (Orgs) *Raízes de Gramado: 40 anos*. Porto Alegre: EST, 1995.

- MARTINEZ, Elda Evangelina G. O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis IN: FAUSTO, Bóris (ORG) *Fazer a América: A Imigração em Massa para América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- MARTINS, José de Souza. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo: Biblioteca Pioneira na Ciências Sociais e Sociologia, 1973.
- NEJAR, Carlos *Os vivos*. Ed. Nova Fronteira, 1979
- NUNES, H. *A imigração árabe em Goiás: 1880 - 1970*. Dissertação de Mestrado (Instituto de História) Universidade de São Paulo: USP, 1986.
- PEREIRA, Luiz Felipe A Saga da Imigração Árabe-Libanesa em Alegrete IN: COSTA, Ely *Tributo ao Imigrante Alegrete: 2ª ed., Revista do Imigrante*, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1989.
- PIMENTEL, Valdevez Cavalcante. *A aculturação do imigrante sírio no Piauí (estudo de caso)*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.
- ROSA, Carla Rosane Silveira. *Os primeiros imigrantes sírios e libaneses na cidade de Pelotas: final do século XIX, início do século XX UFPEL Especialização em História, Pelotas*, 2005.
- SCHILLING, Suzana *Sociedade Libanesa de Porto Alegre: Uma história a ser lembrada*. Porto Alegre: Sociedade Libanesa de Porto Alegre, 2007.
- SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (org.). *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ed. Ulbra, 2000.
- SILVA, José Carlos L. *Povoamento do Município de São João Batista de Camaquã: aspectos da história, genealogia e biografias*. Florianópolis: Editora Secco, 2005.
- SIQUEIRA, Márcia. *Da Imigração à Fundação do Clube Sírio-libanês do Paraná*. Curitiba: Edição do Coordenador, 2002.
- SOUTELO VÁZQUEZ, R. *Memória oral e identidade étnica da inmigración española a latinoamérica no século XX: os galegos em Brasil, 1880-1970*. *Estudios Migratorios*, n. 6, p. 97-124, 1998.
- TEDESCO, João e VANIN, Alex Sírios e libaneses em Passo Fundo: final do século XIX, início do século XX In: TEDESCO, João Carlos; BATTISTELLA, Alessandro; NEUMANN, Rosane (ORG's). *A formação étnica de Paso Fundo: história, memória e patrimônio*. Erechim: Allprint Varela, 2017.

WEBER R. Galegos no sul do Brasil: alternativas na América. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 17, n. 31, p. 83-109, jul. 2010.

Recebido em 18/05/2017
Aprovado em 06/07/2017